

CAPÍTULO IV

O ALUNO E O PROFESSOR COMO PESSOAS

"Não existe um só método que tenha dado o mesmo resultado com todos os alunos... O ensino torna-se mais eficaz quando o professor conhece a natureza das diferenças entre seus alunos."

Wilbert J. McKeachie (18)

em Que revelan las investigaciones sobre los métodos de enseñanza universitaria.

I. O PROBLEMA

SE perguntarmos a um professor universitário: "Você conhece realmente seus alunos? Você saberia explicar por que alguns são bons alunos e outros não?" — o mais provável é que das duas respostas surja uma patética conclusão: o aluno continua sendo o Grande Desconhecido.

Talvez pelo desejo subconsciente de simplificar seu trabalho docente, o professor tende, em geral, a considerar o "corpo discente" como uma massa homogênea e indiferenciada. É possível que apenas três tipos de estudantes escapem desse anonimato: o estudante brilhante, o estudante badalador e o estudante encrenqueiro. No jogo das relações professor-aluno, com efeito, estes tipos de estudantes fornecem os maiores prêmios e ameaças e, por conseguinte, chamam a atenção do professor.

Suponhamos agora que o professor queira, seriamente, olhar e tratar seus alunos como pessoas humanas e adequar seus métodos didáticos às diferenças individuais, visando a uma aprendizagem mais satisfatória e um crescimento integral das personalidades.

O problema é que não contamos ainda com suficiente conhecimento de teoria e pesquisa para saber quais são as características pessoais que mais influem sobre a aprendizagem, e de que maneira o fazem. Ora, esse conhecimento seria utilíssimo para o professor. Informa McKeachie que "o ensino torna-se mais eficaz quando o professor conhece a natureza das diferenças entre os alunos. Numa experiência em que se deu aos professores de física informação adicional sobre os antecedentes pessoais dos seus alunos, estes obtiveram um avanço notável no seu aproveitamento, e consideraram seus professores mais eficazes nas aulas experimentais em que os professores estavam bem informados".

Como interagem tais diferenças de sexo e de personalidade com os métodos didáticos empregados? A tendência à ansiedade, por exemplo, afetará significativamente o resultado de métodos didáticos tais como a discussão em grupo? Uma prova, ao criar tensão, não colocará em desvantagem os alunos mais ansiosos?

II. PONTOS-CHAVE

Em resumo, o problema analisado neste capítulo pode ser organizado da seguinte forma:

- a. Quando ensinamos, desejamos que o aluno aprenda e cresça como pessoa humana.
- b. Para ensinar, definimos certos objetivos e escolhemos certos conteúdos e certas atividades (métodos), que são aplicados na situação docente.
- c. Mas os alunos não são todos iguais; são, antes de tudo, pessoas diversas e singulares.
- d. Por conseguinte, reagirão de forma diferente a:
 - nós como professores
 - nossos objetivos
 - nossos conteúdos (matéria)
 - nossas formas de relacionamento e métodos de ensino e de avaliação.
- e. As reações diferentes os levarão a aprender de forma diferente (ou a não aprender).
- f. Em suma: que características pessoais dos alunos deve merecer a atenção do professor em virtude de afetarem significativamente o efeito do ensino-aprendizagem?¹

III. TEORIZAÇÃO

Há vários caminhos para tentar responder à pergunta acima formulada. O caminho de nossa *experiência e sentido comum*, como pais e como professores, que nos ajudaria a identificar que aspectos da personalidade dos estudantes explicam melhor suas diferenças de aprendizagem.

Outro caminho seria o da *especulação*, que pode ser desenvolvido em termos de teorias de motivação e de personalidade.

Um terceiro caminho é o da *pesquisa*, que recorre a estudos já feitos e publicados.

DESAFIO AO LEITOR

O leitor é convidado a refletir sobre este problema e tentar formular sua própria teoria sobre as características pessoais que influem mais significativamente sobre a aprendizagem. Somente depois dessa reflexão continue a leitura.

1. Preferimos colocar nestes termos pragmáticos a análise do tema: "O aluno como pessoa" evitando uma abordagem filosófico-moral do assunto que transcende o alcance desta simples obra sobre estratégia de ensino.

AS TEORIAS DA PERSONALIDADE E DA MOTIVAÇÃO

Entre os numerosos autores que estudaram o problema das diferenças individuais de personalidade, e seu efeito sobre a conduta, escolhemos apenas Freud, Maslow, Piaget, McClelland e Rokeach, pois de suas contribuições pode surgir uma compreensão mais lúcida do problema.

Freud (19) concebeu o homem como um sistema dinâmico de energias, composto por três subsistemas: o “id” ou “libido”, fonte primária da energia psíquica, na forma de instintos biológicos inconscientes que demandam satisfação; o “ego”, que é o sistema dos processos cognitivos (percepção, pensamento, planejamento, decisão), que controla e dirige de maneira realista os impulsos do “id”; e o “superego”, encarregado da repressão de impulsos perigosos, é um produto da interiorização das normas, prêmios e castigos que os pais, a escola, a sociedade, impõem sobre a criança.

As formas do “id”, do “ego” e do “superego” estão freqüentemente em conflito, e daí nasce a *ansiedade*. A pessoa desenvolve “mecanismos de defesa” contra a ansiedade. As formas em que estes mecanismos se manifestam marcam as diferenças de comportamento entre as pessoas.

Outro fator de diferenciação entre as pessoas são sua vivência das “etapas psicosssexuais”: *oral, anal, fálica e genital*. Diferenças individuais na personalidade adulta, segundo Freud, encontram sua causa remota na maneira específica em que a pessoa experimenta e resolve os conflitos ocorridos nessas etapas. A pessoa pode sofrer uma “fixação” numa certa etapa e manter durante a vida inteira um “caráter” correspondente a essa etapa. O “caráter oral”, por exemplo, inclui qualidades de dependência, passividade, gananciosidade e tendências excessivas ao comportamento oral, como fumar ou falar alto e muito. Conflitos mal resolvidos na “etapa fálica” podem levar à homossexualidade latente, problemas de autoridade, rejeição dos papéis masculinos e femininos apropriados.

Maslow (20) pensava que toda pessoa tem uma tendência básica para realizar o que nela está em potencial, e concebe a existência de cinco tipos de necessidades:

- Necessidades fisiológicas, por exemplo: satisfazer fome e sede.
- Necessidades de segurança, ordem, estabilidade.
- Necessidades de afeto e aceitação, afiliação a grupos.
- Necessidades de estima, prestígio, sucesso, auto-respeito.
- Necessidade de plena realização pessoal.

No desenvolvimento da pessoa, uma necessidade de nível mais primário deve ser satisfeita antes que surja a próxima necessidade de nível mais alto. Todas estas necessidades coexistem em todas as pessoas, mas, por vezes, uma domina de forma especial. Qual das necessidades vem a dominar, dependerá das condições em que o desenvolvimento da pessoa for realizado.

Piaget (21) estudou o desenvolvimento paralelo da inteligência e da emocionalidade durante o crescimento da criança e do adolescente. Dependendo da interação

da criança e seu meio ambiente (incluindo os pais, a família, os companheiros, etc.) o menino desenvolve, mais ou menos, seus “esquemas de assimilação”, assim como a estrutura de sua inteligência e de sua emocionalidade, para enfrentar a estimulação do meio e resolver os problemas apresentados pelo mesmo. Assim, da mera capacidade perceptiva inicial a criança passa a ser capaz de operações mentais abstratas e do egoísmo inicial passa a ser capaz de altruísmos e cooperação.

A teoria psicogenética de Piaget confere muita responsabilidade aos pais e professores, pois deles depende em grande parte a estimulação que faz a estrutura mental da criança desenvolver-se de forma rica e flexível, ou pobre e rígida. O mesmo acontece com relação ao desenvolvimento da emocionalidade.

McClelland (22), juntamente com Atkinson (23), estudou a variação de intensidade das *necessidades* ou *motivos* nas diversas pessoas e formulou uma teoria sobre as razões dessas variações. Assim, por exemplo, McClelland acha que a *necessidade de realização* (“need for achievement” ou “n-achievement”) se desenvolve melhor nas crianças cujas mães as educam para serem independentes. É o caso contrário da mãe superprotetora, que sempre está cuidando de que a criança não faça coisas perigosas. A criança criada de forma independente se torna mais tarde motivada para “fazer coisas”, obter sucesso e transformar o ambiente, sem necessitar de muitos incentivos extrínsecos, pois o motor que a impulsiona está dentro dela mesma.² McClelland acha que a necessidade de realizações é a qualidade básica do empresário e do líder político, e a considera indispensável para o desenvolvimento nacional.

Rokeach (24), como parte de seu estudo de “sistemas de crenças”, divide as pessoas segundo seu grau de “autoritarismo”, “dogmatismo” ou “inflexibilidade mental” em “pessoas de mente aberta” e “pessoas de mente fechada”. Esta qualidade é independente da ideologia, já que é uma propriedade estrutural da mente, e não do conteúdo das idéias. Assim, tanto um nazista como um democrata liberal podem ser dogmáticos e de mente fechada, embora seja menos provável que um nazista tenha mente aberta.

Para Rokeach; o indivíduo de mente fechada tem as seguintes características:

— Tende a considerar o mundo e as situações em que a pessoa se encontra, em geral, como ameaçadoras.

— Por conseguinte, tende a experimentar grave tensão e ansiedade, sobretudo em situações ambíguas ou pouco estruturadas, ou quando seu sistema de crença é posto em dúvida ou ameaçado por uma nova informação.

— Tende a defender seu sistema de crenças de forma rígida e inflexível e a rejeitar e desconhecer idéias que não coincidem com as suas.

— Na mesma linha, tende a considerar a autoridade como algo absoluto e só aprecia as idéias quando elas estão apoiadas por alguma autoridade (doutrina ou pessoa) que ele

2. Teoria muito bem explorada no livro *Mulher, objeto de cama e mesa*. Editora Vozes, Petrópolis, 1974, que discute a maneira pela qual as meninas são educadas sempre protegidas, ao contrário dos meninos que sofrem toda espécie de desafios ao ar livre. Esse tipo de educação colocaria as meninas em desvantagem intelectual em relação aos meninos.

respeita. Para ele é muito difícil avaliar uma idéia por seus próprios méritos, independentemente da autoridade que a defende.

— Detesta a análise e apressa-se para chegar à síntese. Para ele tudo é branco ou preto, não existem áreas cinzentas. Quer tudo estruturado, a, b, c, d. Não gosta de discussão e de análise: quer passar rapidamente à votação, ao encerramento do assunto.

Assim, segundo Rokeach, a pessoa torna-se mente fechada devido a longos períodos de ameaça vividos durante a infância. Outro autor, Adorno (25), com quem Rokeach trabalhou, acha que “o autoritarismo é causado por severo tratamento disciplinar da criança, envolvendo tipicamente uma ênfase excessiva quanto à justiça das regras e valores dos pais, com insistência na completa obediência às mesmas, reforçada por castigos. Frequentemente tal disciplina severa é acompanhada por uma atitude paterna de rejeição emocional da criança e pela manipulação explorativa da mesma”.

Embora Rokeach não tenha analisado este aspecto, é possível que não só pessoas, mas culturas inteiras, sejam mais autoritárias ou de mentes mais fechadas que outras. Nelas, todo o sistema educativo, familiar e escolar, tenderiam a formar pessoas com certa rigidez mental.

É provável que estudantes de mente fechada ou aberta reajam de forma diferente aos métodos didáticos modernos, que exigem discussão e mudança de idéias, e que os primeiros tenham a aprendizagem dificultada pela sua estrutura mental rígida.

Em resumo, no intuito de olhar o aluno como pessoa humana, recorreremos a alguns autores que analisam os fatores que afetam o desenvolvimento da personalidade e que, atuando de forma diversa na vida de cada pessoa, explicam por que reage ela de forma diferente frente ao processo educativo.

RESULTADOS DAS PESQUISAS

Até aqui temos examinado algumas teorias. Vamos apelar às pesquisas realizadas que mostram como algumas variáveis de personalidade determinam reações diferentes frente aos métodos didáticos empregados. Estas pesquisas foram comentadas por McKeachie (18) em seu trabalho “Que revelan las investigaciones sobre los métodos de enseñanza universitaria”, Lima, Peru, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA), Serie Materiales de Enseñanza de Comunicación, n.º 18, Nov., 1966 (mimeografado).

a. Nível de Inteligência

Word achou que os estudantes *mais capazes* têm um melhor aproveitamento através do trabalho em grupos reduzidos, quanto à compreensão e solução de problemas. Os estudantes *menos capazes* aproveitam mais com o método de exposição oral-demonstração.

Parsons, Ketcham e Beach encontraram que *alunos inteligentes* se sentem menos satisfeitos quando sua responsabilidade é menor no estabelecimento das metas de ensino-aprendizagem.

Calvin, Hoffman e Harden comprovaram que os estudantes menos inteligentes obtiveram invariavelmente melhores resultados na solução de problemas em grupo, quando o

grupo era conduzido de forma autoritária do que quando o grupo era conduzido de maneira "permissiva". Esta mesma diferença, entretanto, não ocorreu com os *estudantes brilhantes*.

Com base nestes e outros estudos, McKeachie afirma "que pode esperar que os alunos mais inteligentes se adaptem com maior facilidade aos novos métodos que os menos inteligentes".

b. Independência

Wispé diferenciou três tipos de estudantes: o estudante de *personalidade insegura*, o *estudante satisfeito* e o *estudante independente*. O aluno inseguro teve atitudes desfavoráveis para com o ensino permissivo. O aluno satisfeito teve atitudes favoráveis para com os professores, companheiros e métodos didáticos tanto de tipo diretivo como permissivo. O aluno independente mostrou considerável expressão verbal exigindo ensino mais permissivo, independentemente do método específico empregado pelo professor. Teve atitude moderadamente favorável para com os companheiros e professores; nas aulas diretivas, entretanto, provavelmente dirigirá sua agressividade para o professor. Patton achou que os estudantes que escolheram aulas não-diretivas se diferenciaram dos que escolheram aulas diretivas, em que os primeiros tendiam a ser mais flexíveis, mais tolerantes da ambigüidade e a possuir mais conhecimento de si mesmos e mais experiência anterior com grupos não-diretivos.

Patton também percebeu que os estudantes que melhor aceitam a responsabilidade de aprender demonstram independência quanto às autoridades convencionais e são possuidores de uma considerável necessidade de realização. Por sua parte, Koening e McKeachie observam que as mulheres com alta necessidade de realização preferiam o estudo independente à aula expositiva.

No Oberlin College, McCallough e Van Atta também acharam que "os estudantes que são menos rígidos e têm menos necessidade de apoio social, aproveitam melhor o estudo independente que os não autônomos".

Em resumo, as pesquisas parecem demonstrar que "um certo tipo de estudante, caracterizado por sua independência, flexibilidade e alta necessidade de realização, encontra-se à vontade, desempenhando-se bem nas aulas que lhe permitem a oportunidade de auto-direção".

c. Ansiedade e diferenças do sexo

Diversos estudos em psicologia indicam que um certo nível de ansiedade facilita a aprendizagem simples mas que passado um ponto ótimo prejudica a aprendizagem complexa. Como o processo de ensino-aprendizagem apresenta certas situações que dão lugar a um alto grau de ansiedade, podemos esperar que as pessoas com maior ou menor tendência para a ansiedade reajam de modo diferente nessas situações.

Assim, Gaier comprovou que a disposição para a ansiedade correlacionava negativamente com as notas em uma prova de leitura e em uma prova que exigia a comparação de objetos conhecidos e desconhecidos.

Segundo McKeachie, "como em geral se acredita que a incerteza aumenta a ansiedade, esperar-se-ia que a pessoa ansiosa trabalhasse melhor numa situação altamente estruturada". De fato, Smith provou que os estudantes ansiosos progrediram mais quando foram ensinados por meio de métodos diretivos.

Muito interessantes são as pesquisas que mostram os efeitos positivos, nos alunos ansiosos, de medidas para a redução da tensão nas provas de exame, aplicadas na Universidade de Michigan por McKeachie, Pollie e Speisman. Eles dividiram estudantes em dois grupos separados e a um dos grupos deram papéis de resposta com espaço suficiente para que escrevessem comentários sobre a prova. Os estudantes que tiveram oportunidade de escrever seus comentários — e que, por conseguinte, diminuíram sua tensão e ansiedade — obtiveram melhores qualificações, especialmente aqueles que possuíam considerável ansiedade. Os de baixa ansiedade, porém, não foram afetados.

Carrier investigou o efeito de quatro variáveis de personalidade sobre o rendimento, em situações de exame de maior e de menor tensão. Os resultados foram os seguintes: a situação

de maior tensão afetou às mulheres de forma mais prejudicial que aos homens. Os estudantes *extrovertidos* foram mais danificados pela tensão que os *introvertidos*.

Os resultados das pesquisas confirmam os dados da experiência, no sentido de que “a ansiedade dos estudantes durante os exames chega a tal ponto que interfere com a memória e com a capacidade de resolver problemas”. Mostram também que a redução da tensão favoreceu mais às mulheres que aos homens, e, entre estes, aos mais extrovertidos.

d. Autoritarismo e rigidez mental

Bendig e Hountras acharam que os estudantes *autoritários* preferem um alto grau de controle departamental da instrução. Loening e McKeachie, por sua parte, descobriram que enquanto as mulheres de baixa rigidez mental e baixo autoritarismo participavam mais nos grupos pequenos que as mulheres inflexíveis, com os homens ocorria o inverso: os flexíveis se mostraram menos inclinados a participar que os inflexíveis. Também Stern, como Bendig e Hountras, achou que os estudantes com alto grau de autoritarismo aproveitaram mais quando se lhes ensinou em um grupo homogêneo. “O professor que teve a seu cargo esta seção — informa McKeachie — teve que resistir à pressão dos estudantes em favor da exposição oral.”

e. Necessidade de afiliação, de poder e de realização

Um dos estudos mais complexos sobre a relação entre as características dos alunos como pessoas, os métodos de ensino e a aprendizagem, foi realizado por McKeachie e um grupo de colaboradores na Universidade de Michigan. O estudo consistiu em diferenciar os estudantes segundo seu grau de *necessidade de afiliação, de poder e de realização*. Fazendo variar os métodos didáticos empregados, McKeachie achou que os estudantes com diferentes graus de necessidade de afiliação foram afetados diferencialmente pelo “calor humano” ou “amistividade” do professor. As notas que obtiveram foram diferentes.

Os estudantes com alta necessidade de poder obtiveram melhores notas nas aulas onde prevalecia a participação voluntária dos estudantes que nas aulas em que não havia muita participação. Os de baixa motivação para o poder saíram-se melhor em classes com pouca participação.

Quanto aos estudantes com alta motivação para a realização, saíram-se melhor que os demais em situações em que havia pouca estimulação externa. Obviamente, eles já traziam sua própria estimulação.

Diversos tipos de professores

Não podemos focalizar só o aluno neste capítulo que estuda os efeitos das diferenças de personalidade sobre o processo de ensino-aprendizagem. Temos também que dirigir nossa atenção à personalidade do professor.

Depois de observar muitos professores em ação e de escutar seus depoimentos durante os numerosos cursos de metodologia de ensino ministrados pelos autores, chegamos à conclusão de que a deficiente metodologia de ensino não é só produto da deficiente formação pedagógica. De fato, uma pesquisa da revista TIME revelou que os melhores professores dos Estados Unidos não eram precisamente os que usavam as técnicas do ensino mais refinadas mas sim os que, estimulados por seu entusiasmo para contagiar seus alunos com o amor à sua disciplina, encontravam maneiras próprias de comunicar e ensinar.

A metodologia seguida pelo professor reflete sobretudo uma “mentalidade”, um sistema de crenças e valores, quase diríamos uma “cosmovisão”. Uma parte importante dessa cosmovisão é o conceito que se tem do homem e de sua

capacidade de crescimento. Outra parte é o conceito que se tem da sociedade e da necessidade ou não de sua transformação.

Ajudou bastante a esclarecer esta conclusão uma classificação de professores elaborada após um estudo feito pela Universidade da Califórnia, que inclui cinco tipos diversos de professores:

- A. O "instrutor" ou professor de autômatos
- B. O professor que se concentra no Conteúdo
- C. O professor que se concentra no Processo de Instrução
- D. O professor que se concentra no Intelecto do Aluno
- E. O professor que se concentra na Pessoa Total.

Vamos dedicar alguns minutos para analisar cada um desses tipos, a fim de ver como a metodologia aplicada pelo professor responde a um conceito do homem e de como ele aprende e se transforma.

A. O instrutor ou professor de autômatos

O professor de tipo "instrutor" procura ajudar o aluno a adquirir a capacidade de responder imediatamente sem necessidade de pensar. Nessas aulas os estudantes pouco mais fazem que recitar definições, explicações e generalizações que memorizam a partir das exposições do professor ou de um texto ou apostila dados por ele. O aluno se converte numa máquina de dar respostas corretas, um autômato, nada mais.

O instrutor é a autoridade máxima e o aluno tem poucas alternativas oferecidas ou exigidas. Os alunos são obrigados a conseguir uma proficiência que não depende do raciocínio e devem aprender um conjunto de informações de uma forma mais ou menos mecânica. Esse tipo de professor é comum nos cursos rápidos de preparação para a iniciação à educação secundária ou universitária ("vestibulares"), mas seus semelhantes não são raros em todas as Universidades.

B. O professor que se concentra no Conteúdo

Este professor afirma que sua primeira tarefa consiste em cobrir sistematicamente as matérias de sua disciplina para assim ajudar os alunos a dominá-las. Ele tem plena certeza das matérias que devem ser tratadas e aprendidas. Considera uma tolice a opinião de que o processo de ensinar e de aprender deva consistir numa pesquisa conjunta. Se utiliza a pesquisa o faz apenas como um artifício didático, pelo qual o aluno chega a uma solução já conhecida de um problema previamente estruturado.

Este professor dá menos importância à originalidade que ao fato de o aluno aprender toda a matéria que já foi descoberta no passado. A idéia de que o professor possa aprender algo discutindo com os alunos é para ele completamente estranha ao objetivo de ensinar ou aprender.

Sua imagem do estudante atual é o aluno que já dominou totalmente a matéria apresentada nas aulas ou nos textos recomendados.

C. O professor que se concentra no Processo de Instrução

Assim como o tipo anterior se concentra no domínio da matéria, este tipo se concentra em conseguir que seus alunos tratem a matéria com os mesmos métodos e processos com que ele os trata. Preocupa-se em impor um modelo de raciocínio e exige de seus alunos que demonstrem, nos exercícios, exames e discussões, que podem imitar seus métodos, perspectivas, formulações, bem como sua maneira de usar os dados existentes ou pertinentes.

Este professor transmite a impressão de autoridade e de independência que atrai os estudantes, pois favorece o diálogo com eles. Entretanto, se se analisa bem seu papel, observa-se que todas as conversas começam sempre com ele e suas idéias e que, mais cedo ou mais tarde, acabam sempre voltando a ele e a suas idéias.

Podemos distinguir o tipo C do tipo anterior em que, enquanto B se interessa pelo saber como *produto*, o tipo C se interessa pelo saber como *processo*.

D. O professor que se concentra no Intelecto do Aluno

Para este tipo, o processo de ensinar e de aprendizagem deve concentrar-se na própria atividade racional. Para ele, deve-se dar muito mais importância ao *como* e ao *porquê* do saber, que ao *que*. Preocupa-se sobretudo em desenvolver as habilidades intelectuais do aluno.

Este tipo de professor utiliza a análise e a solução de problemas como o principal artifício do ensino, porém dá mais importância ao intelecto que às atitudes e emoções do estudante. O problema é, para ele, apenas um recurso para a tarefa didática, e não um assunto com o qual se compromete como pessoa.

E. O professor que se concentra na Pessoa Total

Esse professor tem muito de comum com o tipo D, pois ambos concentram-se no estudante. A diferença é que o professor E não acredita que o desenvolvimento intelectual deva ou possa ser desligado dos outros aspectos da personalidade humana, tais como os fatores afetivos e não-rationais da identidade e da intimidade.

O professor E considera o ensino como um desafio global à pessoa do estudante, que o obriga a buscar respostas ainda não aprendidas, e a experimentá-las. Ele acha que o estudante deve ser tratado como pessoa integral, pois separando-se o mundo intelectual do resto, o processo de crescimento do estudante na direção de um ser adulto torna-se seriamente comprometido.

Até aqui consideramos os cinco tipos identificados pela Universidade da Califórnia. Propomos incluir mais um tipo de professor que chamaríamos: o professor que tem uma visão estrutural da sociedade.

F. O professor que tem uma visão estrutural da sociedade

Não é por mera coincidência que este tipo de professor não foi mencionado no estudo da Universidade da Califórnia. Trata-se de um tipo mais freqüente nos países subdesenvolvidos. Este professor considera o aluno, as matérias a ensinar, e a si mesmo, como partes inseparáveis de um contexto "societal", isto é, de uma sociedade historicamente estruturada em estratos dominantes e estratos dominados; sociedade que, por sua vez, está imersa num mundo onde certas sociedades competem com outras ou dominam outras, provocando as reações de conflito ou de libertação que hoje são assuntos das notícias em jornais e revistas. Ele considera possível que a educação esteja sendo usada pelo *establishment* dominante para consolidar e perpetuar sua situação privilegiada.

A metodologia didática deste último tipo de professor, obviamente, será radicalmente diferente da utilizada pelos tipos anteriores, principalmente pelo caráter de engajamento ou compromisso liberador que sua visão dos problemas da sociedade exige dele e de seus alunos.

As conseqüências da opção metodológica

A classificação de professores anterior é útil pelo menos para nos alertar para um fato importante: o de que a opção metodológica feita pelo professor pode ter efeitos decisivos sobre a formação da mentalidade do aluno, de sua cosmovisão, de seu sistema de valores e, finalmente, de seu modo de viver. Alguém disse, uma vez, que, "enquanto os conteúdos do ensino *informam*, os métodos de ensino *formam*". Efetivamente, dos conteúdos do ensino, o aluno aprende datas, fórmulas, estruturas, classificações, nomenclaturas, cores, pesos, causas, efeitos, etc. Dos métodos ele aprende a ser livre ou submisso; seguro ou inseguro; disciplinado ou organizado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo. Dependendo de sua metodologia, o professor pode contribuir para gerar uma consciência crítica ou uma memória fiel, uma visão universalista ou uma visão estreita e unilateral, uma sede de aprender pelo prazer de aprender e resolver problemas, ou uma angústia de aprender apenas para receber um prêmio e evitar um castigo.

IV e V. HIPÓTESES DE SOLUÇÃO E APLICAÇÕES

Do exame do problema das diferenças pessoais entre alunos e entre professores, à luz da teoria e das pesquisas, uma idéia parece ter ficado bem clara: *Não há um método bom para todos*. Como a dinâmica interna de cada aluno é diferente da dos demais, uns encontram desafio e satisfação onde outros acham aborrecimento e frustração. Por sua vez, cada professor é um ser humano com crenças e emoções diversas.

Como pode o professor resolver o problema das diferenças individuais e a escolha de métodos? Não temos uma receita pronta para oferecer. Somente podemos afirmar com McKeachie que, *na medida em que o professor faz questão de conhecer cada vez mais as diferenças entre seus alunos, mais motivado ele ficará*

para variar e experimentar novos métodos, alternando os de exposição com os de discussão, os de transmissão por meios mecânicos, os métodos de projeto e estudo dirigido etc., observando sempre que tipos de alunos aprendem melhor com que tipo de métodos.

Aos poucos o professor será capaz de identificar quais são as diferenças de personalidade mais determinantes nas diferenças de aprendizagem. Isto lhe ajudará a agrupar seus alunos por tipos e adequar seus métodos aos diversos tipos.

No processo, *o professor irá concentrando-se mais nos alunos como pessoas totais do que na matéria a ensinar*. A meta final é o desenvolvimento da *empatia*, aquela capacidade de perceber situações e sentir emoções da maneira como o aluno as percebe e sente, graças à identificação e à simpatia que o professor sente para com aquele.

É óbvio que só pode desenvolver simpatia e empatia, aquele professor que olha e trata seus alunos como pessoas humanas que vivem em uma sociedade específica, neste momento, e não como meras unidades do "corpo discente".